

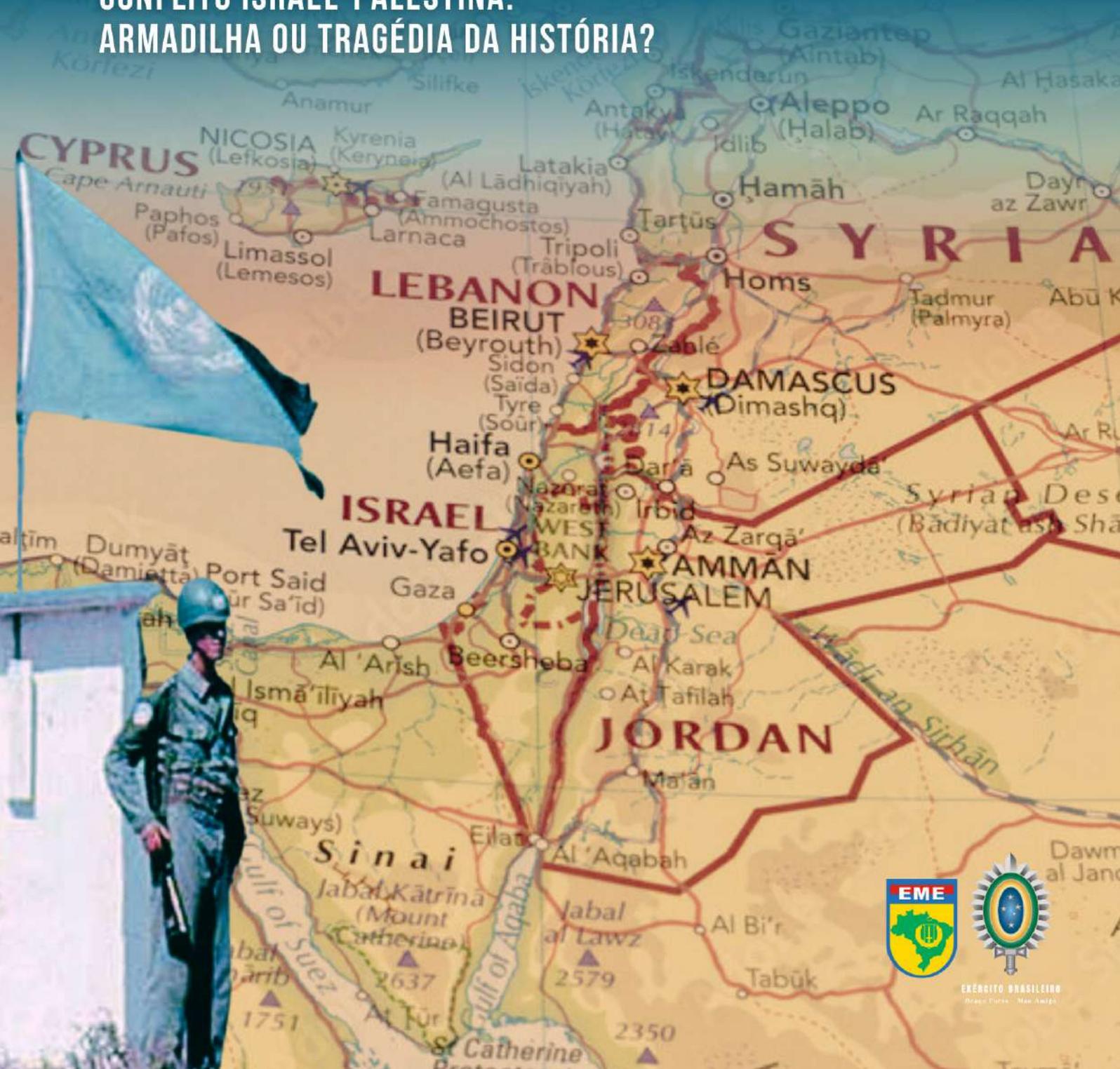
ANÁLISE

09/2023

ORIENTE MÉDIO

NOVEMBRO DE 2023

CONFLITO ISRAEL-PALESTINA: ARMADILHA OU TRAGÉDIA DA HISTÓRIA?



A ANÁLISE

A PUBLICAÇÃO “ANÁLISE”, CONFORME O PRÓPRIO NOME INDICA, DESTINA-SE A ANALISAR EVENTOS CORRENTES OU SITUAÇÕES, A FIM DE CONTRIBUIR PARA O ENTENDIMENTO DA CONJUNTURA ATUAL.

TRATA-SE DE UMA PUBLICAÇÃO DO CENTRO DE ESTUDOS ESTRATÉGICOS DO EXÉRCITO (CEEEX) SEM PERIODICIDADE DEFINIDA, QUE OBJETIVA DAR VOZ AOS ANALISTAS DO CEEEX.

NESTA PUBLICAÇÃO, SERÃO ABORDADOS ASSUNTOS QUE TRATAM DO CONFLITO HAMAS-ISRAEL DE FORMA ESTRATÉGICA.

AS OPINIÕES EXPRESSAS NESTA PUBLICAÇÃO SÃO DE SEU AUTOR, NÃO REFLETEM, NECESSARIAMENTE AS DO CEEEX OU DO EXÉRCITO BRASILEIRO.

O AUTOR

SYLVIO PESSOA DA SILVA
CORONEL R/1

OFICIAL DO SERVIÇO DE INTENDÊNCIA DA RESERVA REMUNERADA DO EXÉRCITO BRASILEIRO (AMAN, 1990); MESTRE EM OPERAÇÕES MILITARES (ESAO, 1998) E MESTRE EM CIÊNCIA MILITARES (CEME, 2006). ESPECIALISTA EM LOGÍSTICA EMPRESARIAL – MBA, PELA FGV (2010) E PÓS-GRADUANDO EM RELAÇÕES INTERNACIONAIS, PELA UFRGS.



A 7ª SUBCHEFIA

No dia 18 de fevereiro de 2022, foi publicado, no Boletim de Exército, o despacho decisório do Comandante do Exército, reativando a 7ª Subchefia/EME.

Com a missão focada no futuro do EB, a 7ª Subchefia do Estado-Maior do Exército está constituída pelo Centro de Estudos Estratégicos do Exército e pelas Seções de Conceitos Futuros e de Gestão de Capacidades.

A reativação foi resultado de amplo estudo que começou, em 2019, com a criação da Seção “Exército do Futuro” na 3ª Subchefia/EME.



CONFLITO ISRAEL-PALESTINA: ARMADILHA OU TRAGÉDIA DA HISTÓRIA?

1. INTRODUÇÃO

O mundo assistiria à configuração de uma nova ordem na transição do século XIX para o XX. O surgimento dos nacionalismos, o nascimento de Estados modernos, o imperialismo europeu na Ásia e na África, bem como a II Revolução Industrial levariam as potências a disputas que resultaram na I Guerra Mundial (I GM). Deste evento, decisões tomadas modificaram o planeta inexoravelmente. Os principais vencedores, França e Reino Unido, passaram a ditar grandes mudanças com consequências inevitáveis.

Assim, o Tratado Sykes-Picout (1915) planejou a divisão de parte do espólio do Império Turco-Otomano (1299-1923) entre franceses e ingleses¹. Especial atenção foi dada à Palestina a partir dos anos 1920, como consequência do Tratado de Versalhes (1919), da criação da Liga das Nações (1920) e da Conferência de San Remo (1920).

Os Otomanos haviam considerado a área a oeste do rio Jordão até a costa mediterrânea como uma parte da região da Síria. Chamavam-na de Filistina. Depois da Primeira Guerra Mundial, sob o Mandato Britânico, ela se tornou a Palestina.

Os judeus tinham vivido no que se costumava se chamar Israel durante milênios, mas as devastações da história os haviam dispersado pelo globo. Israel continuou sendo a “Terra Prometida”, e Jerusalém em particular era solo sagrado. Entretanto, na altura de 1948, muçulmanos árabes e cristãos eram a clara maioria nessa terra já por mais de mil anos. (MARSHAL, 2018, p. 162-163).

Sob o Mandato Britânico (1920-1948), a migração judaica (Aliá) para a Palestina se intensificou e, após a II Guerra Mundial, foi acelerada, agravando as tensões entre as comunidades judaicas e árabes locais. No plano regional, Estados recém-criados entraram em fase de construção, enquanto estiveram envolvidos em guerras e instabilidades.

A Resolução 181, de 29 de novembro de 1947, conforme votação da Assembleia Geral das Nações Unidas (AGNU), aprovou o Plano de Partição da Palestina e o status de *corpus separatum* para Jerusalém, contrariando os interesses britânicos, que desejavam preservar seu status político-econômico. A cidade

¹ Ao Império Russo, foi prometido o controle dos estreitos de Bósforo e Dardanelos. Promessa não cumprida em função da Revolução de 1917. Ainda, Itália e Grécia tinham pretensões territoriais na Península da Anatólia.

passaria ao controle internacional aos cuidados da Organização das Nações Unidas (ONU)². A Resolução seria a Carta de Nascimento de dois Estados.

No entanto, havia uma nova potência, os Estados Unidos, sob o comando de Harry Truman (12 de abril de 1945 – 20 de janeiro de 1953). Em 1946, Os norte-americanos praticamente tomaram a frente do processo que veio a consolidar a criação do Estado judaico, cumprindo-se a promessa realizada pelos ingleses em 1917, por meio da Declaração de Balfour³. Apesar do apoio à Resolução 181, o “Departamento de Estado recomendou a criação de uma tutela das Nações Unidas com limites para imigração judaica e a divisão da Palestina em províncias judaicas e palestinas separadas”. Eram tempos da Guerra Fria e temia-se a influência soviética e a guerra na região⁴.

Sobre o assunto, este texto apresenta elementos históricos e geopolíticos, buscando-se constituir o complexo quadro que levou ao atual conflito Israel-Hamas. Para tanto, dividimos o percurso em duas partes. Na primeira, buscamos apresentar contornos da historicidade e da caracterização da região. Na segunda, as condições geopolíticas e outras considerações resumem o papel de atores e aspectos que envolvem o conflito atual.

2. GEOGRAFIA DO ORIENTE MÉDIO

Localizada no Sudoeste Asiático, a região é composta por Estados que surgiram no decorrer do século XX, em boa parte, em consequência do fim do Império Otomano, agrupando idiomas, origens, etnias, culturas e religiões distintas. Observa-se que, ao longo do tempo, pela região passaram mercadores, guerreiros e missionários (FRANKOPAN, 2019).

No que se refere à geografia humana, não há uma unicidade quando se buscam as origens dos povos nativos do Oriente Médio. Esses se separam pela cultura, idioma, religião, etnia etc. Muitos se apegam às suas origens conforme relatos bíblicos. Os países formados pelos europeus agregaram forçosamente individualidades originárias de diversos grupos sociais. Turcos, árabes, indo-europeus, hebreus, africanos, cristãos, muçulmanos, judeus, entre outros, compõem a heterogeneidade do identitarismo étnico-religioso regional.

Economicamente, a descoberta de petróleo em 1908, na Pérsia, cujos direitos de exploração foram adquiridos pela Grã-Bretanha (LOPES, 2010), atraiu mais interesses das potências. No decorrer do século XX, a grande

²Disponível em: <https://history.state.gov/milestones/1945-1952/creation-israel>. Acesso em: 17 nov. 2023.

³ A Declaração da Balfour, segundo Vizentini (2007, p.100) prometia “a criação de um lar nacional para os judeus na Palestina”.

⁴ Disponível em: <https://history.state.gov/milestones/1945-1952/creation-israel>. Acesso em: 17 nov. 2023.

capacidade de produção petrolífera gerou conflitos e os “choques do petróleo”.

3. DOS OTOMANOS AO PÓS-II GUERRA MUNDIAL

“Desde a Primeira Guerra Mundial os nacionalistas árabes denunciaram os horrores do governo otomano, culpando os turcos pelo atraso, ineptidão política, desunião dos árabes ou o que mais tivesse de incorreto na sua sociedade” (GOLDSCHMIDT JR; AL-MARASHI. 2021, p. 220). Essa visão afastou o mundo árabe da República Turca, ainda que muitos muçulmanos tivessem mais receio de serem governados por cristãos europeus.

A chegada dos ingleses e dos franceses⁵ semeou outro período a partir do início do século XIX. A exploração econômica e a ingerência política se intensificaram no pós-I GM. O momento era de um nacionalismo árabe mais intenso e as revoltas tomaram outro vulto como na “Grande Síria”, atualmente, “Israel/Palestina, Jordânia, Líbano, República da Síria e mesmo parte do que hoje chamamos Turquia” (Ibidem, p. 221).

Os ingleses pactuaram com árabes e judeus para a conquista de seus objetivos político-estratégicos e militares. Aos árabes, prometeram autonomia política⁶ em troca de apoio contra a *jihad* otomana. Aos judeus, o território buscado pelo movimento sionista, promessa materializada na Declaração de Balfour. Resumidamente, os ingleses fizeram acordos com franceses, russos, árabes, judeus, entre outros, para a manutenção do poder britânico (figura 1).

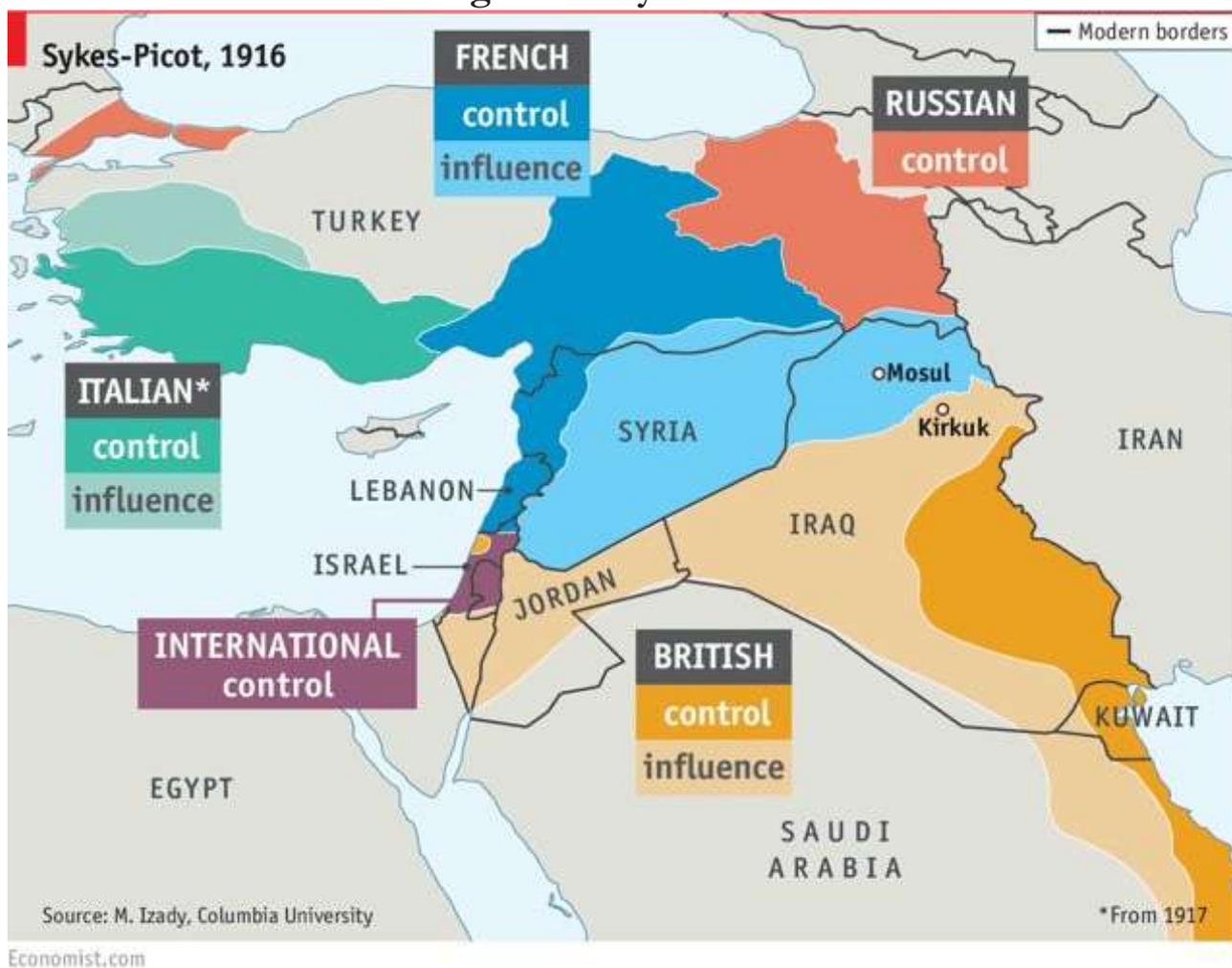
Assim, o desejo de maior autonomia ou de autogovernança foi substituído pelos protetorados britânicos e franceses. O Tratado de Versalhes⁷ (1919), a Liga das Nações (1920) e a conferência de San Remo (1920), eminentemente, abafaram a autodeterminação.

⁵ Norte-americanos, russos e outros europeus se faziam presentes mais visivelmente pela religião, com o envio de missionários e com o estabelecimento de escolas. A fundação da Universidade Americana de Beirute (1866) é um exemplo dessa dinâmica, que ajudou a criar um grupo de eruditos, nacionalistas e ocidentalizados por vezes.

⁶ Goldschmidt Jr e Al-Marash (2021, p. 227) explicam com detalhes como seriam criados “governos independentes na Península Árabe e em muitas partes do Crescente Fértil”.

⁷ A Conferência de Versalhes teve grande influência franco-inglesa, quando os dois países consolidaram seus objetivos planejados para o Oriente Médio. Participaram do evento, Faysal, filho do Xarife de Meca, futuro rei do Iraque, auxiliado por Lawrence (das Arábias) e Chaim Wezmann, futuro primeiro presidente de Israel. Vinte e sete países foram representados, incluindo o Brasil. Todavia, Rússia, Pérsia, Egito e Armênia não foram convidados. Era o momento de redesenho de fronteiras pelas potências e de “aspiração de independência” por parte das novas nações. Disponível em: <https://www.diplomatie.gouv.fr/en/the-ministry-and-its-network/the-diplomatic-archives/documents-from-the-diplomatic-archives/article/diplomatic-archives-the-peace-conference-paris-18-01-1919>. Acesso em: 14 fev. 2022.

Figura 1 – Sykes Picot



Fonte: Columbia University

Os arranjos diplomáticos sobre o Oriente Médio chamaram a atenção do mundo. O presidente dos EUA Woodrow Wilson enviou uma comissão à região, mesmo encontrando impedimentos entre ingleses e franceses. O relatório da Comissão King-Crane (1919) pode ser encontrado no site: https://ecf.org.il/media_items/951. Goldschmidt Jr e Al-Marashi (2021, p. 233-234) sintetizaram o trabalho:

O povo local desejava independência completa sob o governo de Faysal, que já havia criado um governo árabe provisório em Damasco. Se fossem obrigados a aceitar a tutela estrangeira, escolheriam os americanos, que não tinham história de imperialismo no Oriente Médio, ou ao menos os britânicos, cujo Exército já estava lá, mas jamais os franceses.

A Comissão King-Crane também examinou as exigências sionistas, que seus membros haviam inicialmente favorecido, e concluiu que sua realização provocaria um sério conflito árabe-judeu. Seu relatório propôs reduzir o programa sionista, limitar a imigração judaica à Palestina, e não transformar o país num território nacional judaico.

Na década de 1920, a migração de judeus europeus deu início a problemas com os árabes na Palestina. Após o final dos anos 1930, a II GM e o Holocausto aceleraram o processo de Partilha da Palestina apoiado pela ONU.

4. DO PÓS-II GUERRA MUNDIAL AO FINAL DE GUERRA FRIA

No período anterior, a Turquia e o Irã iniciaram um processo de ocidentalização e surgiram os primeiros Estados árabes. No entanto, só após a II GM, alguns países da região saíram do controle europeu. Países frágeis e delimitados por fronteiras não reconhecidas ou artificiais (SILVA, 2010). Povos distintos tiveram que aceitar a norma de convivência baseada no Estado-moderno, que reuniu comunidades insulares.

França e Inglaterra foram substituídas pelos EUA e pela União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS), fato que inseriu os árabes na Guerra Fria. Por outro lado, na segunda metade dos anos 1940, tensões e conflitos lançaram a região em novos turbilhões, envolvendo as duas potências.

Em 1947, a ONU votou pela criação dos Estados de Israel e Palestino, conforme a Resolução 181, com o apoio dos EUA e da URSS. Sobre a Resolução, o Departamento de Estado dos EUA tinha receio de um conflito, contrariando os interesses britânicos.

Embora os Estados Unidos apoiassem a Resolução 181, o Departamento de Estado dos EUA recomendou a criação de uma tutela das Nações com limites na imigração judia e a divisão da Palestina em províncias judia e árabe, mas não em Estados. O Departamento de Estado, preocupado com a possibilidade de aumento do papel soviético no mundo árabe e o potencial de limitação de fornecimento de petróleo para os Estados Unidos pelas nações produtoras de petróleo, aconselhou contra a intervenção dos USA em nome dos judeus. Posteriormente, à medida que a data de partida dos britânicos, da Palestina, se aproximava, o Departamento de Estado elevou a preocupação com a possibilidade de uma guerra sem limites na Palestina, porque os árabes ameaçavam atacar tão logo a ONU aprovasse a resolução da partição⁸ (tradução nossa).

A partir de então, diversas guerras árabe-israelenses irromperam: em 1948, a Guerra de Independência; 1956, Nacionalização do Canal de Suez; 1967, Guerra dos Seis Dias; 1973, Guerra do Yom Kipur; 1982, Guerras do Líbano; e 2006, Guerra Israel-Hezbollah (VIZENTINI, 2007). Ainda, houve outros conflitos de menor intensidade, mas não de menor importância, envolvendo palestinos. Dos conflitos, permaneceram: destruição, crises humanitárias, massacres e ressentimentos.

⁸Disponível em: <https://history.state.gov/milestones/1945-1952/creation-israel>. Acesso em: 19 nov. 2023.

Para esse ambiente, o Brasil enviou cerca de seis mil e trezentos boinas azuis no período de dez anos (1957 – 1967). O Batalhão Suez fez parte da Primeira Força de Emergência das Nações Unidas (UNEF 1)⁹ e foi a primeira participação de tropas brasileiras atuando sob a égide da ONU.

5. A QUESTÃO PALESTINA

A aprovação da criação de dois Estados em 1947 solucionou parcialmente o problema. Os israelenses construíram e expandiram um Estado moderno e com características de prosperidade, que abrigou judeus oriundos de diversas partes. Um Estado reconhecido e apoiado por grande parte da comunidade internacional.

No entanto, muitos palestinos tiveram que se abrigar em outros países. Possuem o status de refugiado permanente em um “tipo de migração bloqueada”, caracterizada pelos campos de refugiados (RUFIN, 1996, p.64). A condição de “não repatriação” transformou “o campo de refugiados” em “um lugar de forte desenraizamento”, “o grau zero de asilo” (Ibidem, p. 66). À margem da sociedade local, a maioria tornou-se apátrida, vivendo em condições precárias e sem muitas expectativas socioeconômicas. Dependem da ajuda do Alto Comissariado das Nações Unidas e de grupos de assistência humanitária. Os Estados hóspedes regulam os limites sociais e laborais dos refugiados. Todavia, alguns conseguem furar o bloqueio de isolamento, mas não do identitarismo. A coação política e social nos campos é outro fator agravante, que se faz presente diante da dependência imposta pela realidade.

Os territórios palestinos, Gaza e Cisjordânia, ainda, não constituem um Estado. São divididos geográfica e politicamente e estão presos em um conflito interminável exprimidos pelos novos assentamentos judaicos.

6. MODERNIZAR O ISLÃ OU ISLAMIZAR A MODERNIDADE

“Modernizar o Islã ou islamizar a modernidade” (FERRO, 2008, p. 167) traduz um “conflito filosófico” que permeia o mundo muçulmano há séculos. O contato com outras civilizações faz com que esse debate renasça em certos momentos da história. Talvez, o último grande pulso desse embate tenha ocorrido quando do surgimento da Irmandade Muçulmana.

Criada em 1928, a Irmandade Muçulmana tornou-se mais uma tentativa de reavivar o islamismo puritano, que se identifica no islamismo fundamentalista, tornando-se a base do pensamento orientador de diversos grupos islamistas

⁹Disponível em: https://www.gov.br/defesa/pt-br/assuntos/relacoes-internacionais/copy_of_missoes-de-paz/historico-da-participacao-brasileira-em-missoes-da-onu. Acesso em: 20 nov. 2023.

surgidos no século XX e XXI. Entre eles, destacam-se al Qaida, ISIS, HAMAS e Boko Haram. Grupos que atuam, eminentemente, na Ásia e na África.

8. AS ORIGENS DO HAMAS

Após a Guerra dos Seis Dias, a Liga Árabe convocou a Conferência de Cartum (1967), que resultou na Resolução dos “3 não”: não ao reconhecimento de Israel; não à paz com Israel; e não às negociações com Israel. O entendimento é de que não haveria condições de derrotar o Estado israelense por meio de guerra convencional. Com a assinatura do acordo de paz entre Israel e Egito (1979), o agonizante pan-arabismo impulsionou o surgimento do islamismo político.

Nesse contexto, surgiu o Hamas (Movimento de Resistência Islâmica), grupo radical islâmico, com orientação na Irmandade Muçulmana e fruto da Primeira Intifada (1987). Com o término da ocupação israelense da Faixa de Gaza (2005), o Hamas ascendeu ao poder em 2006 e não permitiu novas eleições, contrapondo-se ao Movimento FATAH (Movimento de Libertação Palestina), que se limitou a governar a Cisjordânia.

Para Ferro (2008, p. 36), “em face à expansão do xiismo, a Arábia Saudita, sunita” interveio “para islamizar o movimento nacional palestino por meio de ajuda ao HAMAS”, que passou a ser “rival da OLP”, e concorrendo “com a *Jihad Islâmica* de obediência khomeinista”.

Zakaria (2023) alerta que “Israel enfraqueceu a Autoridade Palestina na Cisjordânia, fortalecendo o HAMAS”, uma milícia com o efetivo estimado de “entre 30 mil e 40 mil combatentes”. Para Mearsheimer (2023)¹⁰, o surgimento e o fortalecimento do HAMAS serviram aos interesses dos que não desejavam a solução de dois Estados.

Eles gostavam do HAMAS porque sabiam que o HAMAS tinha visões extremistas à solução de dois Estados, em outras palavras, não à solução com a criação de um Estado, e as pessoas à direita em Israel desejavam a solução sem dois Estados. Assim, na prática, os israelenses mentiram de alguma forma [...] eles se aliaram de alguma forma ao HAMAS para minar a Autoridade Palestina.

8. CONSIDERAÇÕES GEOPOLÍTICAS

Diante do que foi apresentado até este ponto, entende-se que as potências da época conduziram os destinos dos povos do Oriente Médio, haja vista

¹⁰ Disponível em: <https://www.youtube.com/live/ZUtkCbQpw-0?app=desktop&si=DH-0RJHm4ABfLiFP>. Acesso em: 15 out. 2023.

a importância da região para a política e para a economia internacionais. Não sendo diferente neste momento, quando diversos atores de relevo no cenário internacional e regional tentam se reposicionar. A segurança regional passa, portanto, por agentes e arranjos muito particulares, pois envolvem as características dos povos locais. Muitos dos Estados regionais e dos grupos locais não têm relações diplomáticas e ou não reconhecem Israel.

Em diversos momentos, desde 1945, os conflitos no Oriente Médio tiveram consequências extrarregionais e até mundiais, econômica, política e humanitariamente. Em 1967, o Canal de Suez foi fechado, situação que permaneceu até 1975, forçando alterações no transporte marítimo. Em 1973, a Guerra do Yom Kipur resultou no Primeiro Choque do Petróleo e nos Acordos de Camp David em 1979. Ainda em 1979, a Revolução Islâmica ocasionou o Segundo Choque do Petróleo, com nova grande elevação dos preços, bem como o conflito entre Irã e Iraque. Assim, torna-se importante avaliar as peças que compõem esse tabuleiro geopolítico.

A Arábia Saudita é um dos grandes produtores de petróleo e tem contado com a ajuda, sobretudo, dos EUA para sua proteção. Politicamente, exerce certa liderança sobre os demais países do Conselho de Cooperação do Golfo. Economicamente, tem apoiado grupos de interesses em outros países na região. A aproximação com a China, também, tem sido crescente. O país é, provavelmente, o mais importante dos que aderiram aos Acordos de Abraão.

O Iêmen vive em uma sequência de crises desde a reunificação nos anos 90. A atual guerra civil, surgida na esteira da “Primavera Árabe” (2011), divide o país desde 2014. O governo reconhecido por muitos atores da comunidade internacional tem o apoio direto da Arábia Saudita e dos Emirados Árabes Unidos. Os rebeldes Houthis recebem, eminentemente, suporte do Irã e do Hezbollah. A posição geoestratégica do país faz com que a guerra civil ameace o tráfego marítimo no Estreito Bab el-Mandeb. O apoio iraniano é criticado por potências ocidentais, enquanto o grupo tornou-se uma ameaça às instalações petrolíferas sauditas e às embarcações que navegam pela região, diante das possibilidades de atuar com drones armados, mísseis e foguetes.

O Irã é o principal Estado representativo do Islã xiita. Suas ligações, eminentemente, têm vínculo com o Xiismo. Teerã tem sido o centro dessa geopolítica que orienta o Crescente Xiita, reunindo Bagdá, Damasco e Beirute. O país, desde a Revolução Islâmica, não possui relações diplomáticas com o seu antigo aliado, os Estados Unidos, a quem atribui grande responsabilidade pela guerra com o Iraque (1980-1988). Essas desavenças passam pelo controle do Estreito de Ormuz, um dos grandes *chock-points* mundiais, pelo programa nuclear iraniano, pelo arsenal missilístico iraniano, pela guerra no Iêmen e pelas

ameaças ao Estado israelense.

Regionalmente, o Irã tem a Turquia e a Arábia Saudita como competidores, ambos de maioria sunita. Ainda, apoia política, militar e economicamente grupos *proxies* que atuam no “Eixo da Resistência”, no Líbano, Síria, Iraque e Iêmen. No ambiente extrarregional, tem se aproximado bastante da Rússia e da China, fugindo às sanções ocidentais. Outro parceiro de importância que se apresenta é a Índia. O Corredor Norte-Sul, ligando o noroeste da Rússia com a Índia, passa pelo Irã.

A Jordânia e o **Egito** possuem relações diplomáticas com Israel, desde 1979 e 1994 respectivamente, mas suas populações não acompanham, necessariamente, o discurso diplomático. Com população, majoritariamente, de origem palestina, a Jordânia necessita de ajuda externa por não ter reservas petrolíferas em seu território. O Egito foi um dos grandes atingidos pela “Primavera Árabe”, um movimento que anunciava a democracia, mas que foi entendido, por muitos, como *regime change*. A maior atenção dos egípcios está concentrada na luta contra o terrorismo.

O Líbano é um dos menores países e grande parte de sua população faz parte da diáspora libanesa. Faz fronteira com a Síria, prolongando o Arco Xiita, e com Israel, com quem não assinou qualquer acordo de paz desde 1948. O país abriga, atualmente, cerca de um milhão de palestinos em campos de refugiados, desde os anos 1970. No sul do país, está grande parte da população xiita, comunidade que deu origem ao Hezbollah no início dos anos 1980, durante a Guerra Civil (1975-1990), e à invasão e ocupação israelense (1982-2000). O grupo tem ligações estreitas com Teerã e é considerado a milícia mais robusta da região. Recentemente, lutou na Síria, como força regular, junto às milícias apoiadas pelo Irã, e aos Exércitos Sírio, Iraniano e Russo. Em 2006, iniciou um conflito com Israel, que durou pouco mais de 30 dias. Na oportunidade, muitos reforçaram a visão oriunda da guerra do Yom Kipur, de que Israel não seria invencível.

A Síria era considerada um parceiro regional dos EUA, mas passou a ocupar lista de Estados que apoiam o terrorismo desde 1979.

A Síria tem constado da lista de apoiadores do terrorismo desde o surgimento da lista em 1979, em função do continuado apoio ao terrorismo e aos grupos terroristas, da ocupação do Líbano (durante a Guerra Civil Libanesa), da sua busca de armas de destruição de massa e do programa de mísseis, e uso de armas químicas, e seus continuados esforços para minar as atividades de estabilização (empreendidas) pelos EUA, no Iraque¹¹ (tradução nossa).

¹¹ Disponível em: <https://www.state.gov/countries-areas/syria/>. Acesso em: 23 nov. 2023.

A guerra civil síria (2011), no Ocidente, é vista como consequência da “Primavera Árabe”. Na região, seria consequência da política de *regime change* de Barack Obama, parte de um “novo *Sykes Picol*”.

A Turquia vive um novo momento, afastando-se do kemalismo na direção do neo-otomanismo. O país projeta poder em vários países vizinhos e fora da região: Síria; Iraque; Cáucaso; África; na Europa Oriental; na Alemanha e na França por meio das comunidades turcas; e na Ásia Central. É membro da Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN)¹² desde 1952. Almeja ser um país da União Europeia, mas algumas barreiras são apresentadas ao pleito.

Desde os anos 2000, o país passa por mudanças que o afastam do laicismo e o atual presidente, Erdogan, tem-se mantido no poder. Em 2010, o navio *Mulan*, de bandeira turca, foi abordado por forças israelenses, em águas internacionais. O navio levava ajuda humanitária aos palestinos e, durante a ação, alguns turcos foram mortos, o que levou ao rompimento de relações diplomáticas entre os dois países até 2016. No plano regional, a Turquia se apresenta como alternativa ao Islamismo Xiita e à política saudita, bem como é acusada de abrigar islamistas de diversas origens.

No plano interno que se estende aos países fronteiriços, os curdos são considerados o maior problema. Recentemente, posições curdas foram atacadas na Síria, onde os curdos recebem proteção de forças dos EUA, e no Iraque. O Partido dos Trabalhadores do Curdistão (PKK) é considerado um grupo terrorista pela Turquia e por outros países, incluindo os Estados Unidos.

Os Estados Unidos são aliados incondicionais de Israel, apesar de algumas declarações dos ex-presidentes Barack Obama e Trump. As Guerras no Iraque e na Síria, com a participação dos EUA, alavancaram as incertezas regionais. A política para o Oriente Médio do presidente Trump não arrefeceu o ambiente conflituoso herdado de seus antecessores.

O ex-presidente Barack Obama condena os atos do HAMAS e diz que não se pode dar suporte ao que está acontecendo com os palestinos. Suas palavras foram consideradas “provocativas e corajosas”, que recordam a dificuldade de seu governo em convergir com o PM Netanyahu.

Se você quiser resolver o problema, então, você tem que tomá-lo em uma verdade plena. E, então, você tem que admitir que a mão de ninguém está limpa. Todos nós somos cúmplices em algum degrau. Eu olho para isso lá atrás e penso: o que eu poderia ter feito diferente durante meu [mandato na] presidência para avançar o tanto que eu tentei? Eu tenho cicatrizes que provam isso.¹³

¹² Disponível em: https://www.nato.int/cps/en/natohq/topics_52044.htm. Acesso em: 19 nov. 2023.

¹³ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=rBLjOXkKAnE>. Acesso em: 18 nov. 2023.

Outro democrata, Bernie Sanders, foi mais enfático nas críticas ao tratar do “horrrível desastre humanitário” que estrangula a capacidade da ONU enquanto US\$ 3.8 bilhões são enviados anualmente como ajuda a Israel. O político estadunidense acusa o atual governo israelense de ser racista e defende uma solução com dois Estados, bem como a alteração na estratégia de aplicação do poder militar israelense, com a manutenção do direito de defesa do Estado. Sanders acusa Trump de querer expulsar os palestinos dos EUA, enquanto parte do eleitorado norte-americano acusa o presidente Biden de apoiar o “genocídio em Gaza”. Sanders, no entanto, defende a difícil posição do presidente Biden diante da complexidade do assunto¹⁴.

Durante a gestão Trump, conforme o Departamento de Estado, os Estados Unidos abandonaram, em 2018¹⁵, unilateralmente, o acordo com o Irã, *Joint Comprehensive Plan of Action*, de 2015, que reunia União Europeia, China, Rússia, Alemanha, França, Reino Unido e Estados Unidos com o objetivo de assegurar o uso pacífico da energia nuclear¹⁶. As Colinas de Golã foram ocupadas por Israel, em 1967¹⁷, e a comunidade internacional as identifica como território sírio, mas reconhecido pelo ex-presidente como território israelense. No caso de Jerusalém, a decisão norte-americana passou a confrontar o status reconhecido pela ONU¹⁸.

Todavia, o então presidente dos EUA, conseguiu costurar os Acordos de Abraão (2020). O objetivo seria promover a paz na região, no mundo e entre as religiões de origem abraâmica, para aproximar, diplomaticamente, o Estado de Israel com seus vizinhos¹⁹. Os Acordos, também, têm por objetivo isolar o Irã e seus aliados.

Forças dos Estados Unidos estão presentes na região, em diversos países. Na Síria, as tropas são consideradas invasoras, pois a presença não está autorizada pelo governo sírio. Em diversos outros países, bases, meios e pessoal compõem destacado poder militar. No entanto, os militares norte-americanos têm sido alvo de recentes ataques. Segundo a Reuters (2023), os EUA têm 2.500 homens no

¹⁴ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=GFYRmADgT1Q&t=4s>. Acesso em: 15 nov. 2023

¹⁵ Disponível em: <https://trumpwhitehouse.archives.gov/briefings-statements/president-donald-j-trump-ending-united-states-participation-unacceptable-iran-deal/>. Acesso em: 23 nov. 2023.

¹⁶ Disponível em: <https://2009-2017.state.gov/e/eb/tfs/spi/iran/jcpoa/#:~:text=On%20July%2014%2C%202015%2C%20the,program%20will%20be%20exclusively%20peaceful>. Acesso em: 23 nov. 2023.

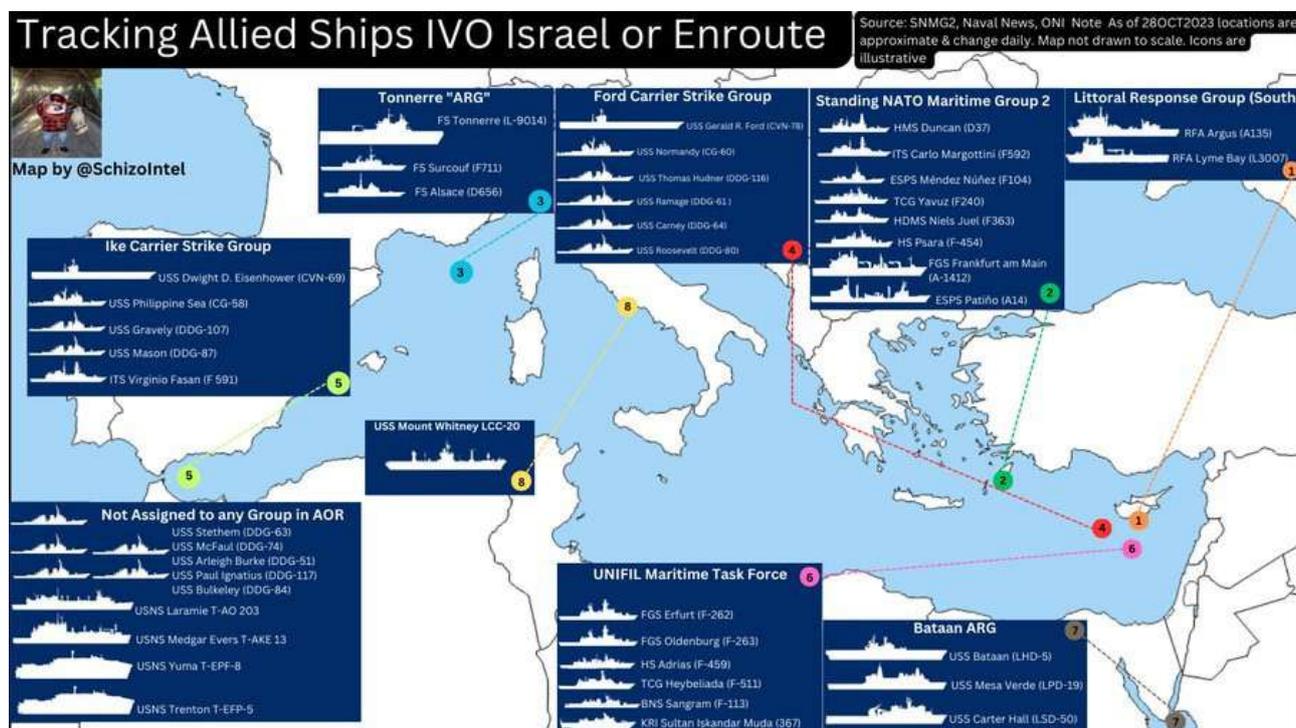
¹⁷ Disponível em: <https://trumpwhitehouse.archives.gov/presidential-actions/proclamation-recognizing-golan-heights-part-state-israel/>. Acesso em: 23 nov. 2023.

¹⁸ Disponível em: <https://www.un.org/unispal/wp-content/uploads/2016/07/The-Status-of-Jerusalem-English-199708.pdf>. Acesso em: 24 nov. 2023.

¹⁹ Disponível em: <https://trumpwhitehouse.archives.gov/briefings-statements/president-donald-j-trump-ending-united-states-participation-unacceptable-iran-deal/>. Acesso em: 23 nov. 2023.

Iraque e 900 na Síria²⁰. Após o ataque do HAMAS, meios navais se adensaram no Mediterrâneo (figura 2).

Figura 2 - Adensamento de forças navais no Mediterrâneo



Fonte: Middle East Observer (2023)

Os meios enviados ao Mediterrâneo somam-se a outros já desdobrados, mas a liberdade de ação é limitada. Os efeitos colaterais de uma ação mal conduzida afetariam as próximas eleições presidenciais nos EUA com maior profundidade.

Percebe-se, assim, a sensibilidade deste momento. Desde o fim da União Soviética, não havia contestadores ou concorrentes ao poder hegemônico dos Estados Unidos no Oriente Médio. Rússia e China, atualmente, se apresentam como alternativas *ao status quo* da democracia liberal norte-americana, procurando ampliar seus espaços de influência.

A China possui uma grande comunidade islâmica no território de Xinjiang e age com cautela quanto à Questão Palestina. Economicamente, o país se posiciona competindo com os arranjos estabelecidos em Breton Woods. A estruturação da Nova Rota da Seda necessita de um Oriente Médio com um nível mínimo de estabilidade. No entanto, os EUA reagem, ofertando uma rota alternativa por terra, desviando do Canal de Suez e afastada do entorno dos mares Negro e Cáspio.

²⁰ Disponível em: <https://www.reuters.com/world/us-troops-attacked-iraq-syria-alert-more-strikes-2023-10-19/>. Acesso em 21 nov. 2023.

Diplomaticamente, a China teve papel de relevância na difícil aproximação dos iranianos com os sauditas. O resultado positivo, certamente, contribuiu para mitigar as tensões no Golfo Pérsico e para que os dois países se aproximassem do BRICS, o que permitiu que a eles fosse ofertada a possibilidade de adesão ao grupo.

Para Goldman (2023), a guerra provocada pelo HAMAS dá oportunidade à China de se apresentar como oposição a Israel e aos Estados Unidos. A China constitui-se como uma liderança econômica no mundo muçulmano, ao exportar mais para os países islâmicos do que os EUA. Com mais de 20 milhões de muçulmanos pró-árabes, o país não deseja se dissociar do papel de líder do Sul Global. Esses aspectos afastam a China, diplomaticamente, de Israel, e servem para que os interesses geopolíticos norte-americanos sejam minados.

A Rússia está posicionada militarmente na Síria, devido à guerra civil contra rebeldes apoiados por Washington. Salvar o regime do presidente Assad reflete os interesses russos na região. Ter uma base aérea e uma base naval no Mediterrâneo são, certamente, dois troféus para o país. Em outra medida, a Síria é um país importante para a passagem de dutos desde os países do Golfo Pérsico, na direção da Europa.

No caso do conflito em Gaza, o apoio dos EUA às tropas ucranianas concorrerá com o apoio aos israelenses, o que favorece os russos. A Ucrânia não é mais a maior prioridade, diante da segunda frente de combate. Qualquer proposta de paz entre Ucrânia e Rússia será considerada analisando-se a capacidade da continuidade de apoio a Kiev.

A Autoridade Palestina perdeu muito poder desde a morte de Yasser Arafat (2004). Com a tomada do poder pelo HAMAS, na Faixa de Gaza, territorialmente e politicamente, os palestinos encontraram a sua maior divisão, dificultando qualquer unidade no que se refere ao processo de paz. Ainda que a Cisjordânia não tenha participado dos ataques de 7 de outubro, esse território sofrerá consequências que poderão gerar mais conflitos. Entre elas, a ampliação dos assentamentos judaicos em terras palestinas.

Israel, desde o pós-Guerra do Yom Kipur, tem sido governado, na maior parte do período, por membros do Likud, partido que tem suscitado diversas controvérsias no país. O atual primeiro-ministro está à frente do Estado há mais de quinze anos, divididos em três mandatos, o período mais longo de um chefe de Estado israelense. O atual Gabinete, em particular, encontra diversas críticas pela forma de atuação na condução da Questão Palestina. Alguns dos membros do gabinete são bastante criticados pelo jornal *Haaretz*, devido aos posicionamentos com inclinações extremistas, o que dificultaria o processo de paz.

Desde já, o atual governo está sendo criticado pelas ações em resposta ao

ataque. O presidente Biden havia pedido para “Israel não se deixar consumir pela raiva trazida pelas atrocidades terroristas do HAMAS. E, assim, evitar erros que os Estados Unidos cometeram depois do 11 de setembro [...] Os americanos são vistos na região como cúmplices dos israelenses, sem condições de atuar como mediador honesto”, segundo Waack (2023). O jornalista ainda responsabiliza o atual governo pela “crise de identidade” e pela divisão da sociedade, bem como por não possuir “uma estratégia política” (Ibidem).

9. OUTRAS CONSIDERAÇÕES

O receio de o conflito se espalhar fez com que países europeus emitissem alertas aos seus nacionais sobre a situação. Reino Unido, Alemanha, Espanha e França acompanharam os Estados Unidos, o Canadá e a Austrália, alertando seus cidadãos a não viajarem ou deixarem o Líbano. Após a troca de tiros na fronteira e as manifestações do secretário-geral do Hezbollah, há receios da abertura da “frente norte”, mais provável do que a frente em Golã, junto à fronteira da Síria com Israel. Outro alerta foi emitido, abrangendo o mundo, diante da possibilidade de atentados terroristas, manifestações e ações violentas contra cidadãos, patrimônio e interesses norte-americanos.

Politicamente, a instabilidade arrasta a economia, promove perseguições e gera crises humanitárias. A fragilidade estatal repercute nos demais setores. No entanto, as associações de grupos locais com Estados ou com outros não nacionais agravam o desequilíbrio nacional e regional. Palco milenar de disputas das potências de ocasião, o controle desse entroncamento mundial gera vantagem na tentativa de controle do tabuleiro estratégico mundial.

As crises humanitárias do Oriente Médio perpassam pelo constante fluxo de deslocados e refugiados, por vezes, agrupados em campos. Estes passaram a fazer parte da “paisagem” de alguns países da região e da Europa. As causas, normalmente, têm aspectos políticos ou religiosos. Palestinos, iranianos, iraquianos, sírios e libaneses chegaram também no Brasil, fugindo de conflitos.

Militarmente, os conflitos têm deixado um rastro de destruição, ampliando a instabilidade e insegurança nos diversos países. Normalmente, atraem *mujahidins* de outras nacionalidades e não acontecem sem a influência de outros países da região e de potências extrarregionais.

Na 78ª (última) Assembleia Geral da ONU (set. 2023), o primeiro-ministro Benjamin Netanyahu desenhou “um corredor visionário”, demonstrando a possível integração multimodal envolvendo países árabes e Israel, com o objetivo de ligar Europa e Índia - Ásia (figura 3). Ainda, o mandatário alertou sobre a ajuda enviada a terroristas palestinos para assassinar

judeus e as ameaças advindas do Irã. No entanto, em outra imagem, apesar do discurso de que busca paz com os palestinos e com os países árabes, exaltando os Acordos de Abraão, o Estado de Israel aparece sobreposto aos territórios palestinos (figura 4), algo que não passou despercebido para alguns diplomatas e acompanhadores da política internacional²¹.

Figura 3: O Novo Oriente Médio



Fonte: UN WEB TV (2023)

Figura 4 – Israel em 1948



Fonte: UN WEB TV (2023)

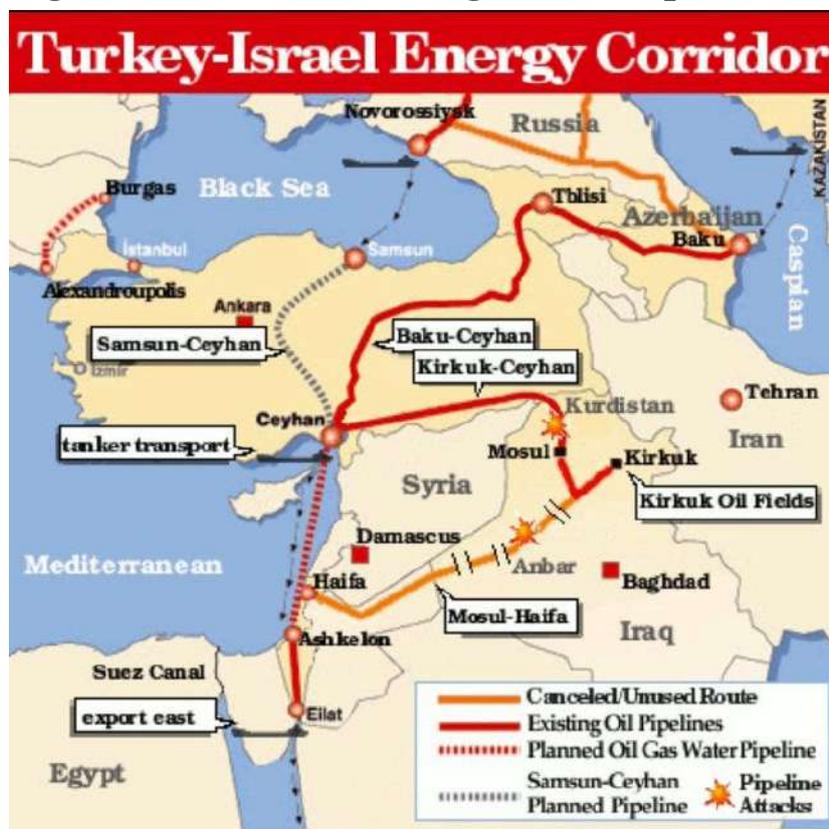
Economicamente, não há como raciocinar com as crises no Oriente Médio dissociando-as do petróleo e do gás lá explorados. Os dutos continuam a ser projetados para o escoamento de gás e petróleo e geram instabilidades. No Levante, Israel planeja escoar parte das suas reservas para a Europa²² (figura 5),

²¹ Disponível em: <https://webtv.un.org/en/asset/k1v/k1vyemsu9e>. Acesso em: 23 nov. 2023.

²² Disponível em: <https://www.i24news.tv/en/news/israel/economy/1693292330-israel-examines-construction-of-gas-pipeline-to-turkey>. Acesso em: 19 nov. 2023

tornando-se um fornecedor alternativo. As pendências no nível político, porém, sobretudo com o Líbano, dificultam a materialização desse tipo de projeto entre outros.

Figura 5 – Corredor Energético Turquia-Israel



Fonte: Simplicius the Thinker

O BRICS chegou ao Oriente Médio. A expansão do grupo de dissidentes de Breton Woods, prevista para 2014, deve contar com a adesão de 4 países da região, dos 6 convidados. Arábia Saudita, Egito, Emirados Árabes Unidos e Irã farão parte do grupo dos 11 países do chamado Sul Global.

O atual conflito pode agravar a instabilidade global. Ainda que seja a continuidade de tantos outros, este parece ser mais intenso e projetar maiores consequências. Os ataques terroristas do HAMAS acrescentam mais instabilidade no cenário mundial, que, após a pandemia, apresenta eventos como: as guerras na Ucrânia, na Síria, na Líbia e entre Armênia e Azerbaijão; as tensões no Indo-Pacífico; as questões sobre o clima; e as crises energética e alimentar.

Supõe-se que essa possibilidade tenha sido considerada quando diversos líderes mundiais passaram a tratar do assunto com cautela e solicitaram que Israel respondesse à agressão com cautela. Por outro lado, além do Irã, a Turquia se posicionou mais assertivamente, o que levou Israel a retraindo seu corpo diplomático daquele país.

Mesmo depois de encerrados os combates, ações futuras já estão sendo projetadas e poderão tensionar as relações entre Israel e outros países. As metáforas “11 de Setembro de Israel” e “Munique 2.0” levam a crer que retaliações contra membros do HAMAS e familiares possam ser perpetradas pelo mundo, gerando mais instabilidade.

A invocação de uma guerra santa pode agravar a situação no Oriente Médio. Com o HAMAS, a causa palestina abandonou o secularismo e foi capturada pelo islamismo político (islamistas). Da mesma forma, o movimento sionista criado por Theodor Hertz transformou-se em um movimento com base nas leis judaicas (*Halachá*). Isso foi identificado quando o primeiro ministro Netanyahu invocou passagens bíblicas para o combate. As justificativas passam pelo Livro de Isaías (60:18) e pelo 2º Livro de Samuel (15:2-3), como se o Netanyahu estivesse liderando seu país neste momento com um significado messiânico.

Esses elementos revelam-se apropriados, também, para os cristãos que possuem devoção a Israel. Especial ligação com o povo judeu é encontrada nos Estados Unidos, nação que a considera no seu “Destino Manifesto”. A profusão se amplia quando ilações são feitas com o Armagedom do Livro de João. Dessa forma, a invasão de Gaza também toma um contorno religioso.

Protestos e manifestações surgidas em várias partes do mundo apresentaram grupos diversos, que buscaram apresentar seus valores e entendimentos. Desde grupos pró-Israel, até grupos de judeus pedindo cessar-fogo. Outros, ainda, criticaram a política israelense. O debate ressuscitou críticas e sentimentos relativos ao povo judeu e ao Estado de Israel. Críticas à política israelense foram identificadas como antissemitas, mas algumas se referiam, particularmente ao sionismo.

O Papel da ONU no Oriente Médio é um exemplo do enfraquecimento desse importante fórum multilateral. Diante da atual situação, mais uma vez, a Organização não consegue implementar as resoluções aprovadas. A crise se agrava pelas dificuldades de responder à crise humanitária em área urbana densamente povoada. A reconstrução será difícil, assim como o retorno de deslocados e refugiados, e dependerá das potências mundiais. Outro desafio é a acusação de que parte da ajuda humanitária enviada aos palestinos serviria para apoiar atos terroristas.

Quanto ao pessoal da ONU, o conflito já acumula o maior número de funcionários mortos, a maioria da Agência das Nações Unidas de Assistência aos Refugiados da Palestina no Próximo Oriente (UNRWA). Presente em praticamente toda a região, a ONU está diante de outro grande desafio para recuperar o papel para a qual foi criada.

10. CONCLUSÃO

O ataque do HAMAS a Israel descortinou muitas críticas à condução da política por parte do primeiro ministro Netanyahu. Estas se concentram na inexistência de uma estratégia para efetivar uma solução perene entre as duas comunidades. Provavelmente, ganhar a guerra no nível tático não deverá superar uma aparente derrota no nível político-estratégico.

Ainda, as ações em Gaza podem atrair grupos do Iraque, Síria e Líbano, ampliando as tensões e o conflito. Após o fim das hostilidades, internamente, o Governo de Israel deverá ser responsabilizado pelas falhas na segurança e pelo indissolúvel problema com os palestinos.

A solução do conflito e a ajuda humanitária dependem do entendimento e das doações dos *players* mundiais e regionais. Os aspectos religiosos não podem ser esquecidos nessa fórmula. A invocação da “guerra santa” pode ter como resultado a abertura de uma caixa de pandora difícil de fechar, gerando novos movimentos radicais e novas crises.

O apoio incondicional dos EUA a Israel, explorado como “duplo padrão” nas relações internacionais, amplia a multipolaridade em curso e enfraquece a ONU. Essa crítica se acentua quando fatores econômicos são identificados nas análises sobre a região. Como em outras oportunidades, atores extrarregionais se associam aos regionais na disputa por áreas de influência.

Correntes erros estratégicos têm sido cometidos pelas potências quando se trata de soluções para a região. No entanto, as políticas para o Oriente Médio podem provocar efeitos colaterais, como influenciar resultados eleitorais em outras partes do mundo.

Por fim, ressalta-se que o Brasil participou do Tratado de Versalhes quando foi resolvida a criação dos protetorados; da AGNU quando da partição da Palestina; da UNEF 1 com milhares de militares do Exército Brasileiro; rege as relações internacionais pelo art. 4º da Constituição Federal, de 1988; e é composto por uma expressiva comunidade de origem árabe que vive pacificamente com os brasileiros que professam o judaísmo.

REFERÊNCIAS

Agência da ONU registra morte de 92 trabalhadores humanitários em Gaza. **ONU News**. Disponível em: <https://news.un.org/pt/story/2023/11/1823162>. Acesso em: 24 nov. 2023.

ALI, Idrees. US troops attacked in Iraq, Syria and on alert for more strikes. Disponível em: **Reuters**. <https://www.reuters.com/world/us-troops-attacked-iraq-syria-alert-more-strikes-2023-10-19/>. Acesso em: 21 nov. 2023.

AZRIEL, Guy. Israel considering pipeline to Turkey to increase gas exports. **i24News**. Disponível em: <https://www.i24news.tv/en/news/israel/economy/1693292330-israel-examines-construction-of-gas-pipeline-to-turkey>. Acesso em: 19 nov. 2023.

BRASIL. Ministério da Defesa. **Histórico da participação brasileira em missões da ONU**. Disponível em: https://www.gov.br/defesa/pt-br/assuntos/relacoes-internacionais/copy_of_missoes-de-paz/historico-da-participacao-brasileira-em-missoes-da-onu. Acesso em: 22 nov. 2023.

FERRO, Marc. **O Choque do Islã. Séculos XVIII-XXI**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 2008.

FRANCE. Ministère de L'Europe et des Affaires Étrangères. France Diplomacy. **Diplomatic Archives: The Peace Conference (Paris, 18.01.1919)**. <https://www.diplomatie.gouv.fr/en/the-ministry-and-its-network/the-diplomatic-archives/documents-from-the-diplomatic-archives/article/diplomatic-archives-the-peace-conference-paris-18-01-1919>. Acesso em: 14 fev. 2022.

FRANKOPAN, Peter. **O coração do mundo: Uma nova história universal a partir da Rota da Seda, o encontro do Oriente com o Ocidente**. São Paulo: Planeta, 2019.

GOLDMAN, David P. **Xi holds four aces as he meets Biden**. Disponível em: <https://asiatimes.com/2023/11/xi-holds-four-aces-as-he-meets-biden/> Acesso em: em 13 nov. 2023.

GOLDSCHMIDT JR, Arthur; AL-MARASHI, Ibrahim. **Uma história concisa do Oriente Médio**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2021.

HAGEE MINISTRIES. **A Night to Honor Israel - LIVE from Cornerstone Church - Sunday October 22nd 2023**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=571u5PEVb84&t=2s>. Acesso em: 15 nov. 2023.

HEAR what Bernie Sanders thinks about Israel's response to Hamas attack. **CNN**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=GFYRmADgT1Q&t=4s>. Acesso em: 15 nov. 2023.

KING-CRANE COMMISSION REPORT – TEXT – ENGLISH (1919). THE ISRAELI PALESTINIAN CONFLICT. Disponível em: https://ecf.org.il/media_items/951. Acesso em: 19 nov. 2023.

LOPES. Margarida Santos. **Novo Dicionário do Islão**. Lisboa: Casa das Letras, 2010.

MARSHAL, Tim. **Prisioneiros da Geografia: 10 mapas que explicam tudo o que você precisa saber sobre política global**. Rio de Janeiro: Zahar, 2028.

MIDDLE EAST OBSERVER. **Tracking Allied Ships IVO Israel or Enroute.** Disponível em: https://twitter.com/ME_Observer_/status/1718453594150625466/photo/2. Acesso em: 30 out. 2023.

NAPOLITANO, Judge; MEARSHEIMER, John. Origins of Hamas/Israeli War w/ John J. Mearsheimer. **Judging Freedom.** Disponível em: <https://www.youtube.com/live/ZUtkCbQpw-0?app=desktop&si=DH-0RJHm4ABfLiFP>. Acesso em: 15 out. 2023.

NORTH ATLANTIC TREATY ORGANIZATION. **NATO member countries.** Disponível em: https://www.nato.int/cps/en/natohq/topics_52044.htm. Acesso em: 19 nov. 2023.

“Not in our name”: Protesters descend on Congress to urge Gaza ceasefire. **i24News.** Disponível em: <https://www.i24news.tv/en/news/international/americas/1697704816-not-in-our-name-protesters-in-u-s-congress-urge-gaza-ceasefire>. Acesso em: 29 out. 2023.

Obama Has ONE Word For The Humanitarian Crisis In Gaza. TYT. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=rBLjOXkKAnE>. Acesso em: 18 nov. 2023.

RUFIN, Jean-Christopher. **O império e os novos bárbaros.** 3. ed. Rio de Janeiro: BIBLIEx, 1996.

SIMPLICIUS THE THINKER. **World Plummets into Eschatological Frenzy: Unraveling the Implications.** Disponível em: <https://simplicius76.substack.com/p/world-plummets-into-eschatological>. Acesso em: 11 nov. 2023.

SOLDO, Niccolo. Ukraine Endgame in Sight?, “The World at War” at 50, The ‘Once-Utopian’ San Fernando Valley, Ethno-State vs. Liberal Democracy, David Lynch’s “Blue Velvet”. **Fisted by Foucault.** Disponível em: https://niccolo.substack.com/p/saturday-commentary-and-review-144?utm_source=post-email-title&publication_id=39821&post_id=138582405&utm_campaign=email-post-title&isFreemail=false&r=7fq4h&utm_medium=email. Acesso em: 11 nov. 2023

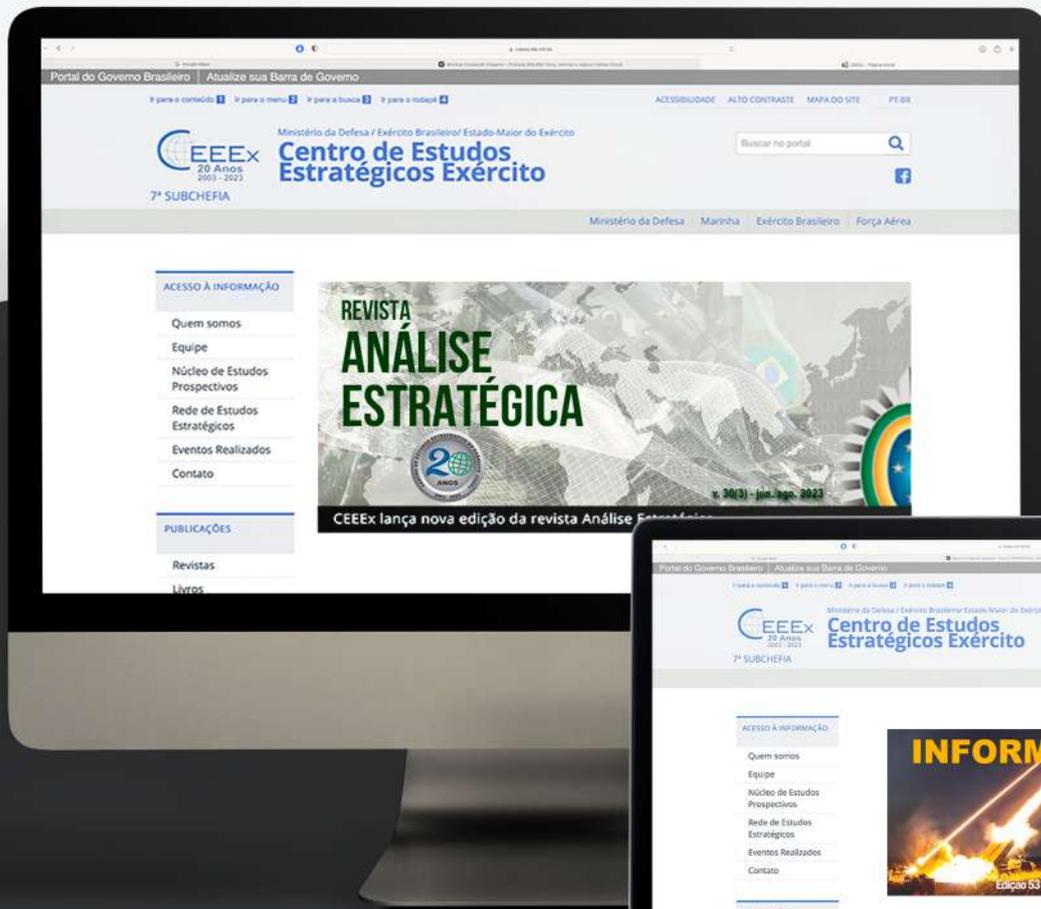
TOSTA, Octavio. **Teorias Geopolíticas.** Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1984.

UNITED NATIONS. **Israel – Prime Minister Addresses General Debate 78th Session.** UN Web TV. General Assembly. Disponível em: <https://webtv.un.org/en/asset/k1v/k1vyemsu9e>. Acesso em: 22 nov. 2023.

UNITED NATIONS. **The Status of Jerusalem.** Disponível em: <https://www.un.org/unispal/wp-content/uploads/2016/07/The-Status-of-Jerusalem-English-199708.pdf>. Acesso em: 24 nov. 2023.

UNITED STATES OF AMERICA. U.S. Department of State. **Joint Comprehensive Plan of Action.** Disponível em: <https://2009-2017.state.gov/e/eb/tfs/spi/iran/>

www.ceeex.eb.mil.br



ACESSE ▶





QUARTEL GENERAL DO EXÉRCITO,
Bloco A, 70630-970, Brasília-DF.
(61)3415-4638 - ceeex@eme.eb.mil.br
Site: www.ceeex.eb.mil.br